

## **EXPERIÊNCIA DE DEUS: ESTÉTICA E ALTERIDADE**

**Aluno: Eduardo Seccatto Caliman**

**Orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

### **Introdução**

O projeto buscou estudar como se apresenta hoje a experiência de Deus do cristianismo, a partir de duas chaves de leitura: a estética e a alteridade sempre levando em conta que o conhecimento de modo muito particular em tempos de crise, como aquele que podemos observar na modernidade e advento da pós-modernidade se dá por meio da experiência. Há aqui a necessidade de que algo deva me tocar, que o outro seja para mim realmente e de modo sublime experimentado.

O sagrado se difumina e ganha ao mesmo tempo novos rostos, quando as pessoas buscam novas sínteses religiosas e novas formas de pertença institucional para expressar sua crença. Parece de extrema importância a questão da experiência de Deus, que é a única capaz de oferecer uma identidade mais clara para o Deus que o cristianismo confessa e proclama em meio à sociedade hoje. É sem dúvida urgente pensar a experiência de Deus em diversos níveis de significação com relação à fé. Assim o conceito de experiência está entre aqueles que, devido a sua fundamental importância, foram e são utilizados na história do pensamento em grande escala.

Neste trabalho, tentou-se apresentar aspectos que julgamos ser necessários para uma reta compreensão da Experiência Deus a partir de Santo Agostinho em suas *Confissões*, iluminados também pelas reflexões do grande teólogo Hans U. Von Balthasar.

### **Objetivos**

Estudar a questão da experiência de Deus no Cristianismo enquanto experiência de alteridade, ou seja, experiência de relacionalidade onde o outro, o diferente, o que está diante do "eu", acima do "eu" e dentro do "eu" pode ser experimentado e reconhecido, para além da ontologia. Estudar a questão da experiência de Deus no Cristianismo enquanto

experiência do belo, como via para o verdadeiro. O caminho da beleza tem sido o de muitos autores ao longo dos 20 séculos de história do Cristianismo para chegar à experiência do Deus que está no centro da fé cristã.

## **Metodologia**

Toda pesquisa se desenvolveu embasada na evolução de um aprofundamento contínuo sobre a problemática em questão. A psicologia retrata a experiência sempre nos remetendo àquilo que foi apreendido, experimentado, ou seja, àquilo que em algum momento pode ser vivido pelos indivíduos. A Filosofia apresenta a experiência como não sendo produto do seu conteúdo ou insumo, o experimentado. Tanto menos pode ser reduzida a mera experimentação. Torna-se assim o contato direto com determinado conteúdo de modo singular. Pode-se caracterizar a experiência como sendo uma face do pensamento voltado para a presença de um objeto. De tal forma, observa-se uma relação direta entre a plenitude da presença e a profundidade da experiência que se dá através da penetração nessa plenitude pelo pensamento. Assim as origens etimológicas do termo experiência nos propõem um percurso a ser percorrido para se alcançar sua essência. O grego *empeiria*, e o latim *experientia*, ambos nos falam de “tentar”, “comprovar”, “assegurar-se”, o que significa percorrer o objeto em todos os sentidos.

### **I – Conceituação de Experiência**

Ao tentar conceituar experiência pode-se perceber que há um grande uso em situações onde a palavra tem sentido um tanto ou quanto ambíguo. Porém o termo experiência sempre deveria nos levar, nos remeter àquilo que foi apreendido, experimentado, nos levar a algo que foi assimilado, vivido pelo ser humano. Para nós deve ficar claro que a noção de experiência deve, pois, abranger tanto fatos e acontecimentos dos quais o indivíduo é consciente quanto aqueles dos quais não possui consciência.

Ao fazer um estudo aprofundado no campo da epistemologia, com clareza chega-se à percepção de que a experiência é um contato da percepção direto e de tal forma característico com aquilo que se apresenta à memória. Alguns filósofos (Descartes, por exemplo) afirmam de alguma maneira que aquilo que se dá à memória ou demais faculdades do conhecimento é chamado experiência. Como visto no tópico anterior, a experiência não vem a ser de tal modo produto do seu conteúdo ou insumo, o experimentado, nem pode se reduzir à experimentação do

experimentado, diante das velozes transformações pelas quais passou e passa o campo religioso, que hoje apresenta uma certa obscuridade nos meios dos quais se convencionou chamar de experiência religiosa, também compreendida como um anseio pelo Transcendente.

“Pois o conceito de experiência está entre aqueles que, em virtude de sua fundamental importância, foram utilizados na história do pensamento em grande escala e aos quais se associam um passado rico e complexo em termos filosóficos. ‘Se o teólogo desconhecer este passado, corre o risco ou de restringir o conceito ou de banalizá-lo, pois se lhe ameaça perder a plenitude da elaboração intelectual aí contida, ou, o que é ainda mais grave, entrega-se irrefletidamente ao contexto de sistemas filosóficos, dos quais doravante o conceito recebe um de seus significados principais, cujas implicações todas ele não pode como teólogo aceitar.’”<sup>1</sup>

Cabe ao homem, aqui no sentido de humanidade, perceber que a experiência deve significar a totalidade do que ocorre em sua vida, não desprezando nenhum dos fatos, pois mesmo diante de algo que não nos pareça bom, podemos tirar daí uma lição para toda a nossa existência. Deste modo o conceito designa a busca de um constante ato de constituir um permanente alargamento da consciência de cada ser humano.

Como contato que o ser humano pode expressar, a experiência é consciente de uma relação com o mundo, com os demais seres, com Deus, assim, se torna consciente do encontro de uma alteridade, que mais do que simples conhecimento, implica em fazer com que esse processo de sentir seja transformado.

A experiência espiritual interna, imediata do divino é humana e, cabe-lhe o nome de revelação; como base nesta experiência, torna-se claro e evidente qualquer fato positivo. O dado positivo, enquanto verdade de fato, ocupa um posto relativo, determinado por uma relação histórica e temporal, mas que pode ser entendido e justificado como expressão de uma necessidade histórica.

A revelação se torna a manifestação das dimensões religiosas internas da humanidade, dando ao homem de modo rápido e eficiente tudo o que precisa.

## **II – Experiência: Estética e Alteridade**

---

<sup>1</sup> BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Experiência De Deus – A Busca Por Uma Identidade. *Atualidade Teológica* VI, n. II (maio/agosto 2002) pp 239-255

Ao reconhecer a dignidade humana, a fé cristã acrescenta uma fundamentação religiosa. Para nós, a dignidade de cada ser humano se fundamenta na sua condição de filhos e filhas de Deus, irmãos entre si, destinados à felicidade, que se confiante em Deus se torna eterna. Segundo as escrituras, Deus é o nosso Princípio e o nosso Fim, e ao nos afastarmos Dele pode-se considerar loucura e de tal forma uma condenação a um estado de indigência, de fome, de pobreza, de diminuição do nosso ser. As clássicas palavras de Sto. Agostinho: "Criastes-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração está inquieto até descansar em Ti", vem nos revelar que antes, na sua juventude, Agostinho havia vivido na dúvida e na busca apaixonada pela verdade, descrevendo claramente em suas Confissões, com muito realismo, a total desordem interior em que vivia.

Santo Agostinho viveu em uma época pré-científica. Sua visão, como a de todos os grandes pensadores cristãos era teocêntrica (centrada em Deus). O pensamento moderno e pós-moderno é antropocêntrico (centrado no ser humano). Deus está presente na nossa consciência e no desejo do nosso coração, mas muitos dos nossos contemporâneos duvidam de sua existência fora da nossa mente. Sendo assim, o ponto de partida da reflexão religiosa deve ser antropológico.

A experiência de cada ser humano deve ser consciente de uma relação com o mundo, com os outros, com Deus. Ou seja, só é consciente do encontro de uma alteridade aquele que se põe numa atitude de reciprocidade. Muito mais do que um conhecimento simples e abnegado, a experiência deve demonstrar sentimentos.

Ela abarca a totalidade do que a razão adquire na vivência cotidiana. Uma pessoa que se diz experiente, segundo o que fora acima exposto trata-se de alguém que conseguiu apropriar-se, no decorrer da vida, de sabedoria da qual nem a insensibilidade nem a razão dão conta. Tudo isso permitirá a esta pessoa enfrentar as adversidades da vida, habilitando-a a aconselhar e orientar outros.

“Uma das notas características da experiência humana é, pois, sua possibilidade de imediatez, produzindo um conhecimento que não procede em primeira linha do pensar discursivo, mas do perceber imediato de uma impressão ou vivência. Esta imediatez, no entanto, não está isenta da presença daquele que faz a experiência, do sujeito que experimenta, o que em si já é uma mediação. Esse sujeito humano é um ser corpóreo, condicionado, situado historicamente e datado no tempo. Todos esses

condicionamentos particulares, portanto, fazem parte da sua experiência e dela não podem ser excluídos.”<sup>2</sup>

Para H. V. Balthasar é necessário que a Igreja derrube as muralhas artificiais construídas em volta de si para tornar-se livre a fim de desempenhar sua missão. A Igreja parte do Homem-Deus para levar sua pregação e seu discurso de redenção.

O conhecimento natural de Deus e a ética natural estão sob este signo misterioso que a Igreja tem a obrigação de tornar conhecido a todos. Neste sentido o dinamismo transcendental deve fazer com que o espírito do homem se eleve constantemente a Deus.

Balthasar nos mostra a continuidade entre a experiência mariana e a experiência materna da Igreja, pelo que podemos expressar Igreja mariana, a ele tão cara, como uma síntese de seu pensamento, ou seja, uma Igreja caminhante e contemplativa.

De tal modo, a missão do cristão no mundo é assegurada em sua plena autenticidade, enquanto as delimitações, rupturas, congelamentos e muralhas desmoronam.

“O homem só pode ser amado em Deus e que Deus é amado somente no sacramento do próprio irmão. O próprio Jesus nos fez compreender, da maneira mais formal, que todo amor cristão implica uma eliminação dos antigos fechamentos, uma evasão para o exterior, em direção àquele que ama, em direção ao inimigo.”<sup>3</sup>

Em Jesus não se apresenta absolutamente a presença do Deus Trino, que se torna visível e objeto de experiência; ou seja, a figura da revelação não é o limite de um infinito sem figura, porém manifesta uma figura infinitamente precisa (Jesus).

Devido ao fato de que o ato de experimentar, sendo um ato que faz parte da constituição do ser humano, não pode repreender e de certa forma isolar o mesmo, mas pelo contrário, supõe a alteridade, a relação, a experiência não é nem pode ser um simples padecer, um sofrer, ou um receber, é preciso que haja um ato recíproco.

Para Balthasar, é preciso mover-se; a terra da verdade só se pode explorar mudando os postos de observação. É uma experiência exclusivamente moderna, onde os campos diversos da verdade requerem uma mudança espiritual do ponto de observação.

A comum experiência com o companheiro de trabalho será para o cristão uma experiência autêntica, embora a sua posição cristã proíba e impeça que o horizonte da verdade mundana se feche e repouse em si mesmo.

---

<sup>2</sup> BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Experiência De Deus – A Busca Por Uma Identidade. *Atualidade Teológica* VI, n. II (maio/agosto 2002) pp 239-255

<sup>3</sup> BALTHASAR, Hans V. **Derrubar Muralhas**. Paulinas. São Paulo: 1971.139p

Partindo deste caminhar divino no mundo, o indivíduo, andando juntamente, aprende a reconhecer a passagem de Deus nas mudanças das situações do mundo. Esta experiência é ainda mais intensa se ele (indivíduo), com as noções abstratas apreendidas, não aplicar a verdade espiritual na viva cura das almas.

Ao lado da experiência específica do cristão, que é teólogo, adquire dignidade e importância, na sua autonomia, a experiência específica do leigo cristão que não é teólogo, mas é médico, é jurista, homem de negócio ou operário. O momento de confiança, de que necessita a experiência humana total, que não pode mais ser abraçada por cada indivíduo na sua inteireza, vem hoje ocupar o seu novo lugar também no interior da cristandade.

Na medida em que o cristão no mundo reconhece e assume a sua posição entre verdade divina e profana como uma responsabilidade originária e inalienável, a sua experiência cristã de vida torna-se uma parte de cristianismo, indispensável para a experiência total da Igreja, uma parte que, como sabedoria, tem igual forma e direito a se impor como o tem a sabedoria antes repleta de teoria dos teólogos.

A solução está na força e na pureza do coração, que em si decanta as impurezas e vê com justiça o que é puro. O Homem-Deus possui este coração e os cristãos lhe ouvem as batidas.

O dinamismo do sujeito pode ser visto de forma histórica ou mística, podendo ainda apresentar-se como esquema filosófico, onde o homem é considerado como espírito finito. As teorias modernistas e dinamistas têm um passado cristão, onde Deus na sua revelação, se aproxima elemento de sua criatura, acolhendo-a.

A revelação cristã não pode encontrar seu lugar entre as categorias do princípio dialógico. Entre o homem e Deus, numa relação profunda de conhecimento, só pode existir uma linguagem, a da Palavra de Deus, por isso Deus se compraz em tornar-se inteligível ao homem na sua palavra.

Na experiência que de uma beleza superior, na natureza e na arte, o fenômeno, que diversamente se apresenta mais oculto, mais marcado, acolhido na sua diferenciação, também podendo ser alcançado por aquele que não faz a experiência, mas possui a faculdade de ser compreendido.

O amor na Revelação se faz encontro com o homem, o acompanha, convida e eleva a uma intimidade incompreensível, tendo assim o espírito finito o pressentimento do que significa que Deus é a perfeição absoluta, aquele que é essencialmente outro do mundo.

Assim a experiência de Deus se dá através do amor dispensado a cada um no ato da Revelação. Isto se dá pela aceitação da Revelação, como Deus nos toca hoje.

A experiência do amor divino em Cristo faz o homem compreender que isto é o verdadeiro amor, como também ao mesmo tempo em que ele é pecador e egoísta não possui o verdadeiro amor. Assim percebe a finitude do amor das criaturas. Com Cristo o amor de Deus se manifestou na forma de carne, isto é, na forma do amor humano, assim a mudança não se deu só no coração, mas mudança também do pensamento.

“O conhecer profundamente pode constituir um elemento de distúrbio na florida e espontânea espera do dono do amor. Em definitivo o amor humano participa da insolúvel contradição de uma experiência ao mesmo tempo mortal e espiritual: aquele amor que os enamorados juram nos momentos solenes quer significar qualquer coisa de duradouro que sobrevive à morte; mas um “amor eterno” “sem fim”, é uma contradição que não pode ser observada.”<sup>4</sup>

A identidade da natureza que reúne os seres amantes expande-se ao universal e morre superando e ignorando a diferença. Assim se torna possível, uma forma de amor para com os próprios inimigos, vendo somente aquilo que há de comum na natureza e na substância.

Se Deus quer manifestar seu amor ao mundo é preciso que o mundo esteja na possibilidade de conhecê-lo. Intrinsecamente o amor só é conhecido pelo amor. O amor desinteressado de um enamorado só se dá a compreender por um ser amado egoísta, quando neste ser amado exista um vislumbre, um sentimento, um princípio de amor.

Deus se manifesta ao homem como amor, é Deus que ilumina o amor e o faz resplandecer e acende no coração humano a luz do amor, que é capaz de ver este amor como amor absoluto. Nenhum coração humano pode despertar para o amor e compreensão de Deus sem a livre doação de sua graça na imagem do filho Jesus.

Deste amor que acredita sem compreender o sinal, o homem recebe a plena possibilidade de amar. Quanto mais profundamente em nós como santificação os raios do amor divino que justifica nossa liberdade, tanto mais se reforça a nossa liberdade nos confrontos do amor, suscitando em nós uma generosidade, uma resposta a este amor.

O Espírito inspira para tornar manifesta a liberdade e a fecundidade do amor e sua interioridade comunicada às criaturas. A identidade da natureza das três, essas na divindade, que só o nome do amor garante, subtrai qualquer intromissão de um intelecto indagador, e corrobora

---

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_ **Somente o Amor é Acreditável.** Paulinas. São Paulo: 1969. 195p

aqueles em cujos corações Cristo mora, no amor fundados e arraigados, a compreender aquele amor de Cristo que ultrapassa qualquer ciência.

O amor necessita ser correspondido, por isso Deus, em troca de seu amor, não pede outra coisa que o nosso amor. Se ao amor absoluto não é dada a resposta absoluta que enfim, em si mesma significa pura adoração, puro agradecimento, à glorificação de Deus qual, como sua forma sensata e lógica, deve ser impressa em toda existência.

O amor de Deus pelo mundo, desperta no coração do mundo, o amor em forma tal que mesmo o amor divino pode parecer o menino que a mãe gerou a em quem acende o amor de Deus. A Palavra de Deus gera a resposta do Homem, parecendo ele mesmo correspondência do amor que deixa ao mundo a iniciativa.

Por outro lado, numa época de aridez espiritual, Balthasar quer estabelecer o equilíbrio quebrado entre ação e contemplação. Assim, o belo, cuja categoria foi Balthasar quem em primeiro lugar introduziu na teologia, acha a sua mais perfeita realização em Jesus Cristo, o modelo e o objeto de nossa contemplação e ao mesmo tempo a pessoa a quem se dirige a nossa oração.

Dois são os meios pelos quais uma estrutura histórica pode conservar ou reconquistar a própria vitalidade para o presente e o futuro.

Um violento e provém do exterior: é a destruição da tradição, dos monumentos e bibliotecas, dos arquivos, órgãos administrativos e etc, tentando recomeçar com um material antigo e virgem. O segundo é espiritual e vem do interior. É a força do sobrepujamento, da vitalidade que anima todas as tradições, ou seja uma vitalidade que conhece o passado, e é capaz de despegar-se dele, na medida em que a responsabilidade e a disponibilidade para o futuro a exigem. Ambos os meios podem constituir uma graça, radiosa, no caso do segundo, dura no primeiro.

A tarefa humana de auto-compreensão do sentido contemporâneo do humano corresponde à compreensão das possibilidades da ruptura da Totalidade da violência,

### **III – Experiência Cristã**

Pode-se afirmar que o que define as religiões num todo e a espiritualidade é a forma como a experiência de Deus é assumida. Assim, a experiência de Jesus Cristo para com o Pai



deve ser o fundamento. A resposta do ser humano não deve prescindir do contexto em que vive, pois, é por meio da fé que a ação de Deus se dá em manifestação plena.

Para Agostinho, duas realidades se fazem fundamentais para que a experiência cristã possa acontecer. É necessário compreender a realidade Divina com sua transcendência e onipotência e a realidade frágil, pecadora e mortal de cada ser humano. Na inquietude da busca de compreensão destas duas realidades, Agostinho manifesta a grande chave de leitura do que é próprio do ser humano: somos feitos por Deus e para Deus.

Agostinho apresenta que por meio do pecado o homem se afastou de Deus e vê nesta questão do livre arbítrio a sua grande e fundamental realização. Conforme narra sua vida, Agostinho, nas Confissões, mostra todo um itinerário. Faz de sua vida um motivo para falar de toda a humanidade no relacionamento com Deus. Como o próprio ser humano, também a experiência pode ser vista de diversas perspectivas, prevalecendo porém uma visão unitária.

Em suas Confissões traz a oposição entre experiência e conhecimento é o primeiro falso obstáculo que se apresenta é a tentativa de esclarecer a noção de experiência. Esta se dá entre dois pólos: o objeto que é o fenômeno e o sujeito que é a ciência. Trata-se de uma percepção simples e imediata de algo que provoca grande certeza baseada numa evidência. Não se experimenta e, posteriormente, faz-se uma leitura do que fora experimentado. Assim, pode-se perceber que há experiência quando a pessoa se percebe em relação com o mundo, consigo mesma e com Deus.

“Pois a experiência, como qualquer dado de nosso conhecimento, só existe como uma realidade que nos atinge enquanto é captada e entendida por nós, enquanto entra em nosso horizonte de compreensão, enquanto a situamos em nossa linguagem; numa palavra, enquanto a interpretamos.”<sup>5</sup>

Conforme afirma Pe. França, hoje a realidade salvífica que se dê presente e atuante na experiência, não se pode separar deste contexto onde se encontra, seja cultural ou social. Caso isso venha a acontecer corre o risco de deixar de conduzir à salvação.

A partir da concepção cristã da criação, voltada para a salvação, o último para o qual o homem está desde sua formação voltado é Deus que de forma generosa toma a iniciativa da salvação, e livremente se auto-comunica.

---

<sup>5</sup> MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da Fé*. Loyola: São Paulo, 2001. 163p

Toda experiência humana enquanto humana, é um fenômeno captado e percebido pelo ser humano. Nela entra não só a percepção, mas também o pensamento que a entende como tal, devemos então afirmar que toda experiência humana é interpretada.

A experiência de Deus deve ser vista propriamente como uma experiência de estar orientado, voltado para Deus, e se dá sempre na experiência de um conhecimento ou de um querer que seja concreto. A causa própria da experiência deve ser Deus. A plena experiência de Deus se dá por meio de uma proposta coletiva, onde o homem não consegue controlar as sensações dela provindas.

Sempre que o ser humano põe em confronto sua particular experiência com a coletividade, consegue se abrir à dimensão espiritual. Deste modo, toda experiência verdadeiramente humana está aberta ao religioso, que se mostra desejosa da revelação.

Balthasar fala de descontinuidade da experiência, lembrando que na doutrina bíblica não é o homem que deve experimentar Deus, mas Deus que quer experimentar o homem, quer constatar se o homem consegue percorrer o caminho indicado por Deus. De tal forma na Bíblia não se fala de uma experiência de Deus da parte do homem, uma experiência do homem da parte de Deus mediante uma prova se faz presente em toda a história da salvação.

“Essa experiência religiosa tem na abertura do espírito humano ao Último seu pressuposto fundamental. Essa abertura tanto diz respeito à inteligência como à liberdade. Santo Agostinho a caracteriza, nas Confissões, como a nostalgia pelo Infinito, experiência finita da presença inapreensível do Infinito no humano. Sua percepção acontece na fé, pois não é realização do homem, mas graça de Deus.”<sup>6</sup>

A experiência humana é plenificada quando se transcende em Deus, que é infinitamente maior do que tudo quanto os homens estejam dispostos a experimentar. Assim, Ele é sempre capaz de nos surpreender em seu amor, de forma inebriante e transformadora.

A experiência de Deus deve ser livre e gratuita e transcender todas as categorias de nossos conceitos, sejam eles teológicos. A experiência é um fato na vida de muitas pessoas. Embora nossa interpretação de tais experiências possa ser chamada de experiência de consolação, trata-se de um ato de unificação prazeroso dentro de nossa vida, concedendo-nos alegria e paz, podendo repercutir no psíquico e no físico, demonstrando um Deus transcendente próximo a nós.

Percebe-se, portanto que a experiência autêntica de Deus deve começar por confessar a incompreensibilidade, como o fez Agostinho em sua busca, pois Deus é mistério.

---

<sup>6</sup> Idem

## **Conclusão**

Agostinho, ao narrar sua experiência, processo dialógico com Deus, demonstra de forma simples a possibilidade de ter conhecido a verdade e a possibilidade de poder realizar a transcendência. Agostinho quer encontrar a felicidade que não morre, a sabedoria que é eterna.

Agostinho faz de sua vida o ponto de partida para falar de si e também do homem em geral, em sua relação essencial com Deus e da constante busca de aproximação com esse mesmo Deus que se revela e se deixa conhecer.

A experiência de Deus no ser humano deve sempre superar a tentação de uma compreensão fechada da realidade humana. Em todas as experiências humanas a mais profunda e a mais fascinante é sem dúvida a religiosa.

Agostinho chega ainda a perceber que a experimentação de Deus pode se dar em toda e qualquer situação, desde que atinjamos a profundidade da vida, onde o transcendente nos toca. Assim a experiência última do homem não é mais humana, é experimentar em si mesmo, nos outros, no belo o que transcende é assim experiência de Mistério.

**Referências**

1 - AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, A. Ambrosio de Pina. 21 ed. Bragança Paulista. Editora São Francisco, 2006. 367p.

2 - BALTHASAR, Hans U. Von. **Derrubar Muralhas**. Tradução de Attilio Cancian. São Paulo. Paulinas, 1971. 139p.

3 - \_\_\_\_\_ **Somente o Amor é Acreditável**. São Paulo. Paulinas, 1969. 195p.

4 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Experiência De Deus – A Busca Por Uma Identidade. *Atualidade Teológica* VI, n. II (maio/agosto 2002) pp 239-255

5 – BOFF, Leonardo. Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas. Campinas, Verus, 2002. 163p

6 – MIRANDA, Mário de França. **Inculturação da Fé: uma abordagem teológica**. São Paulo, Loyola, 2001. 193p